



ISSN 2674-8169



Latindex



DOI



A ESCOLA DO DESEMPENHO: Como rankings, métricas e indicadores redefinem o sentido da aprendizagem

José Carlos Guimarães Junior¹; Fabrícia Ribeiro Gontijo²; Roger de Souza Lucas³; Jefferson Fellipe Jahnke⁴; Marttem Costa de Santana⁵; Carlos Alberto Feitosa dos Santos⁶; Hilke Carlyle de Medeiros Costa⁷



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n3p1384-1398>

Artigo recebido em 22 de Fevereiro e publicado em 22 de Março de 2026

ARTIGO PUBLICADO

Resumo

A crescente centralidade dos rankings, métricas e indicadores nas políticas educacionais contemporâneas tem redefinido profundamente o sentido da aprendizagem e o papel social da escola. Este artigo analisa criticamente a consolidação da chamada escola do desempenho, marcada pela valorização de resultados mensuráveis, avaliações em larga escala e mecanismos de responsabilização que transformam processos educativos complexos em números, índices e posições comparativas. Parte-se do pressuposto de que a aprendizagem, enquanto experiência humana, cultural e socialmente situada, não pode ser plenamente capturada por métricas padronizadas, sob pena de empobrecimento pedagógico e aprofundamento das desigualdades educacionais. A discussão fundamenta-se em uma revisão teórica de autores críticos da educação e das políticas educacionais, que problematizam a lógica da performatividade, da meritocracia e da gestão por resultados, evidenciando seus impactos sobre o currículo, a avaliação, o trabalho docente e as trajetórias escolares dos estudantes. Argumenta-se que os rankings escolares e os indicadores de desempenho operam como dispositivos simbólicos e materiais de poder, capazes de reorganizar prioridades institucionais, induzir práticas pedagógicas voltadas ao treino para testes e reforçar processos de exclusão social, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, o artigo reconhece a complexidade do debate, evitando leituras simplistas que demonizam toda forma de avaliação, mas defendendo a necessidade de práticas avaliativas formativas, contextualizadas e comprometidas com a formação integral dos sujeitos. Conclui-se que a hegemonia da cultura do desempenho exige uma reflexão crítica urgente, capaz de recolocar a aprendizagem, a justiça social e a dimensão emancipatória da educação no centro do debate educacional.

Palavras-chave: Avaliação educacional; Performatividade; Rankings escolares; Aprendizagem.

The school of performance: How Rankings, Metrics, and Indicators Redefine the Meaning of Learning

Abstract

The growing centrality of rankings, metrics and indicators in contemporary educational policies has profoundly reshaped the meaning of learning and the social role of schools. This article critically analyzes the consolidation of what can be described as the school of performance, characterized by the prioritization of measurable outcomes, large-scale assessments and accountability mechanisms that reduce complex educational processes to numbers, indices, and comparative positions. The analysis is grounded in the assumption that learning, as a human, cultural and socially situated experience, cannot be fully captured by standardized metrics without leading to pedagogical impoverishment and the deepening of educational inequalities. The discussion is based on a theoretical review of critical authors in the field of education and educational policy, who problematize the logic of performativity, meritocracy, and results-based management, highlighting their effects on curriculum design, assessment practices, teaching work and students' educational trajectories. It is argued that school rankings and performance indicators operate as symbolic and material devices of power, reorganizing institutional priorities, encouraging teaching practices oriented toward test preparation and reinforcing processes of social exclusion, particularly in vulnerable contexts. At the same time, the article avoids simplistic interpretations that reject all forms of assessment, advocating instead for formative, contextualized, and socially committed evaluation practices. The study concludes that the hegemony of performance culture demands urgent critical reflection to reposition learning, social justice and the emancipatory dimension of education at the center of educational debate.

Keywords: Educational assessment; Performativity; School rankings; Learning.

Instituição afiliada – ¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA); ² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); ³ Faculdade Estácio do Amazonas; ⁴ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) ⁵ Instituto Federal de Pernambuco (IFPE); ⁶ Universidade Ibirapuera (UNIB); ⁷ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autor correspondente: ¹ profjrc65@hotmail.com; ² frgontijo21@gmail.com; ³ rogerpedagogo01@gmail.co; ⁴ jefefellipe6@yahoo.com.br; ⁵ marttentsantana@ufpi.edu.br; ⁶ feitosa2006@yahoo.com.br; ⁷ hilkecarlayle.adv@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1. Introdução

A escola contemporânea tem sido progressivamente atravessada por uma lógica de desempenho que redefine seus objetivos, suas práticas e seus sentidos sociais, deslocando o foco da aprendizagem enquanto processo formativo para resultados quantificáveis e comparáveis. Rankings, métricas e indicadores tornaram-se elementos centrais das políticas educacionais, influenciando decisões curriculares, práticas avaliativas e formas de gestão escolar.

Esse movimento, intensificado nas últimas décadas, não se limita a aspectos técnicos da avaliação, mas expressa uma mudança mais ampla na forma como a educação é concebida, regulada e legitimada socialmente. A aprendizagem, nesse contexto, passa a ser interpretada como desempenho mensurável, reduzida a índices que prometem objetividade, eficiência e transparência, mas que frequentemente ocultam desigualdades estruturais e contextos socioculturais diversos.

A expansão das avaliações em larga escala e dos sistemas de responsabilização educacional está associada a reformas inspiradas em modelos gerencialistas, nos quais a escola é tratada como organização produtiva e os sujeitos educativos como unidades de desempenho.

Críticos desses processos destacam que tal racionalidade redefine o trabalho docente, induzindo práticas pedagógicas voltadas ao cumprimento de metas e ao treinamento para testes, em detrimento de propostas formativas mais amplas. Pesquisadores têm apontado que a obsessão por resultados tende a estreitar o currículo, priorizando conteúdos avaliáveis e marginalizando dimensões éticas, artísticas e críticas da formação humana. Além disso, os rankings escolares produzem efeitos simbólicos profundos, ao estabelecer hierarquias entre escolas, redes e estudantes, naturalizando diferenças de desempenho que são, em grande medida, socialmente produzidas.

Ainda argumentam que tais instrumentos reforçam uma lógica meritocrática que responsabiliza indivíduos e instituições pelos resultados alcançados, desconsiderando condições materiais, desigualdades territoriais e políticas públicas desiguais. Nesse cenário, a escola do desempenho contribui para a legitimação de processos de exclusão,

ao mesmo tempo em que se apresenta como mecanismo neutro de avaliação da qualidade educacional. Diante desse contexto, este artigo propõe uma análise crítica da escola do desempenho, investigando como rankings, métricas e indicadores redefinem o sentido da aprendizagem e os objetivos da educação.

Busca-se compreender os impactos pedagógicos, sociais e políticos dessa racionalidade avaliativa, articulando contribuições teóricas que problematizam a performatividade, a accountability e a mercantilização da educação. Ao fazê-lo, pretende-se contribuir para o debate sobre práticas avaliativas mais justas, formativas e comprometidas com a democratização da educação.

2. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza teórico-bibliográfica, adequada à análise crítica de fenômenos educacionais complexos e socialmente situados. A opção por esse delineamento metodológico fundamenta-se na compreensão de que a escola do desempenho não pode ser apreendida por meio de análises exclusivamente quantitativas, uma vez que envolve dimensões simbólicas, políticas e culturais que extrapolam os indicadores numéricos.

Segundo Creswell(2014), a pesquisa qualitativa permite interpretar significados, discursos e práticas sociais, favorecendo uma compreensão aprofundada dos processos educativos. A metodologia consistiu na seleção, leitura e análise sistemática de obras e artigos científicos de autores reais e reconhecidos na área da educação e das políticas educacionais, publicados entre 2010 e 2025.

Denzin e Lincoln(2018) destacam que a pesquisa qualitativa interpretativa possibilita examinar criticamente relações de poder e contextos institucionais, aspecto central para compreender os efeitos das métricas e rankings na escola. A análise dos textos seguiu procedimentos de categorização temática, inspirados na análise de conteúdo proposta por Bardin(2016), permitindo identificar núcleos de sentido recorrentes relacionados à performatividade, à avaliação e à desigualdade educacional. O corpus teórico foi constituído a partir de critérios de relevância acadêmica, impacto no campo educacional e aderência ao tema do estudo.

Optou-se por privilegiar autores que problematizam criticamente a lógica do

desempenho, evitando abordagens meramente normativas ou tecnicistas. A análise interpretativa buscou articular os argumentos dos diferentes pesquisadores, estabelecendo diálogos e contrapontos que enriquecessem a compreensão do fenômeno investigado.

Dessa forma, a metodologia adotada sustenta uma reflexão crítica consistente, alinhada aos objetivos do artigo e às exigências da pesquisa educacional contemporânea.

3. Revisão conceitual e teórica

Ball (2017), é um dos principais autores contemporâneos no debate sobre políticas educacionais, especialmente no que se refere à performatividade, à cultura da avaliação e ao avanço do gerencialismo na educação. Para Ball (2010, 2014), a escola do desempenho é marcada pela centralidade dos indicadores, rankings e métricas como dispositivos de regulação e controle institucional. Esses mecanismos deslocam o foco da educação de um processo formativo amplo para resultados mensuráveis e comparáveis.

O autor argumenta que a performatividade produz uma lógica de competição permanente entre escolas, professores e estudantes, redefinindo o valor da aprendizagem em termos de produtividade e eficiência. Nesse contexto, o trabalho docente passa a ser monitorado, auditado e avaliado continuamente, gerando insegurança, intensificação do trabalho e perda de autonomia pedagógica. Ball também destaca que as métricas não são neutras: elas carregam valores políticos e econômicos alinhados ao neoliberalismo.

Ao priorizar resultados quantificáveis, a escola do desempenho tende a invisibilizar dimensões subjetivas, éticas e sociais da educação. Além disso, o autor aponta que esse modelo reforça desigualdades, pois escolas situadas em contextos socioeconômicos distintos são avaliadas a partir dos mesmos critérios.

Assim, a cultura do desempenho transforma a educação em um campo de disputa simbólica, no qual o sucesso é definido por números e posições em rankings, e não pelo desenvolvimento humano integral.

Ravitch (2011), é uma referência central na crítica às políticas educacionais baseadas em testes padronizados, responsabilização (accountability) e rankings

escolares. Em suas obras, Ravitch (2011, 2014) analisa como a obsessão por métricas tem distorcido o sentido da educação pública, especialmente nos Estados Unidos, mas com impactos globais.

A autora argumenta que a centralidade dos testes transforma o currículo, estreitando-o às disciplinas avaliadas e reduzindo o espaço para artes, humanidades e pensamento crítico. Para Ravitch, rankings escolares não promovem qualidade educacional, mas estimulam práticas como ensino voltado para o teste, exclusão de estudantes com baixo desempenho e manipulação de resultados. A autora também critica a ideia de que métricas podem, isoladamente, medir a qualidade da aprendizagem, ignorando fatores sociais, culturais e econômicos. Ravitch ressalta que escolas não são empresas e estudantes não são produtos, o que torna inadequada a importação de lógicas de mercado para o campo educacional.

Ao enfatizar resultados numéricos, a escola do desempenho compromete princípios democráticos da educação pública, como equidade, inclusão e formação cidadã. Assim, Ravitch defende uma educação centrada no desenvolvimento integral dos estudantes, na valorização do professor e na construção de políticas educacionais baseadas em confiança, e não em punição.

Apple (2012) contribui de forma significativa para a compreensão crítica da relação entre educação, poder e políticas de avaliação. Para Apple (2012, 2017), a escola do desempenho está profundamente vinculada a projetos ideológicos conservadores e neoliberais que buscam redefinir o papel da educação na sociedade. O autor argumenta que rankings e indicadores funcionam como instrumentos de hegemonia cultural, legitimando determinadas formas de conhecimento em detrimento de outras.

Ao priorizar conteúdos facilmente mensuráveis, o sistema educacional marginaliza saberes locais, culturais e críticos. Apple destaca que a lógica do desempenho reforça desigualdades estruturais, pois favorece grupos sociais que já detêm capital cultural e econômico. Além disso, o autor alerta para a crescente influência de atores privados na definição de padrões, métricas e currículos, o que enfraquece o caráter público da educação. Na escola do desempenho, professores tornam-se executores de políticas, com pouca margem para inovação pedagógica.

Apple defende uma educação democrática, comprometida com justiça social, na qual a avaliação seja um instrumento formativo e não um mecanismo de controle.



Assim, sua obra oferece fundamentos teóricos sólidos para questionar a naturalização das métricas como sinônimo de qualidade educacional.

Laval (2019) analisa a escola do desempenho a partir da crítica à racionalidade neoliberal e à lógica da concorrência aplicada à educação, onde argumenta que rankings, indicadores e métricas transformam a escola em uma organização orientada por resultados, alinhada a princípios empresariais.

O autor argumenta que essa racionalidade redefine o sentido da aprendizagem, que deixa de ser um direito social para se tornar um investimento individual. A escola passa a formar sujeitos competitivos, adaptáveis e orientados para o desempenho, em detrimento da formação crítica e emancipatória.

Laval destaca que os indicadores educacionais produzem comparações constantes, gerando hierarquias entre escolas, redes e países. Esse processo legitima políticas de austeridade, cortes de investimentos e responsabilização individual de professores e estudantes.

Para o autor, a escola do desempenho contribui para o enfraquecimento da solidariedade e do projeto coletivo da educação pública. Ao final, Laval defende a necessidade de resistir à mercantilização da educação, propondo uma escola orientada por valores democráticos, cooperação e justiça social.

Dardot (2016) desenvolve uma análise profunda sobre a racionalidade neoliberal aplicada às instituições sociais, incluindo a escola, demonstrando como a lógica do desempenho, da concorrência e da mensuração redefine os sentidos da educação contemporânea.

O autor argumenta que a escola deixa de ser compreendida como espaço de formação humana integral e passa a funcionar como dispositivo de produção de sujeitos competitivos, adaptáveis e permanentemente avaliáveis. Em sua perspectiva, a cultura das métricas não atua apenas como ferramenta técnica, mas como tecnologia política de governo das condutas, moldando expectativas, práticas pedagógicas e relações escolares. Dardot (2016) enfatiza que rankings e indicadores produzem uma pedagogia implícita, na qual o valor do estudante, do professor e da instituição é reduzido a números comparáveis, apagando contextos históricos, sociais e culturais.

O pesquisador sustenta que esse processo intensifica desigualdades, pois ignora as condições materiais de aprendizagem e responsabiliza indivíduos por fracassos



estruturais. Ao longo de sua análise, destaca que a obsessão pelo desempenho gera efeitos subjetivos profundos, como ansiedade, competitividade exacerbada e esvaziamento do sentido pedagógico do aprender.

Também aponta que a padronização avaliativa limita a autonomia docente e empobrece o currículo, privilegiando conteúdos facilmente mensuráveis. Assim, Dardot (2016) contribui para compreender a escola do desempenho como expressão de um projeto político mais amplo de governamentalidade neoliberal, no qual a educação é subordinada à lógica do mercado e da eficiência.

Brown (2015) oferece uma contribuição decisiva ao analisar como o neoliberalismo transforma todas as esferas da vida social em termos econômicos, incluindo a educação, argumentando que a escola passa a ser avaliada não por sua função social ou emancipatória, mas por sua capacidade de gerar resultados quantificáveis e competitivos.

Em sua leitura crítica, rankings educacionais e métricas de desempenho operam como instrumentos de desdemocratização, pois deslocam o debate educacional do campo político-pedagógico para o campo técnico-gerencial. Brown (2015) sustenta que a cultura do desempenho redefine o próprio conceito de aprendizagem, reduzindo-o à obtenção de indicadores positivos.

A pesquisadora destaca que esse processo fragiliza o compromisso ético da educação com a formação crítica, substituindo-o por uma lógica de produtividade e eficiência, onde ao longo de sua obra evidencia que a mensuração contínua gera sujeitos educacionais orientados pela autoavaliação constante, pela comparação e pela competição.

Não obstante, ressalta que essa racionalidade impacta de forma desigual estudantes de diferentes origens sociais, aprofundando assimetrias já existentes. Brown (2015) contribui, portanto, para compreender a escola do desempenho como espaço onde a educação se distancia de sua função pública e se aproxima de uma lógica empresarial, com consequências profundas para a democracia e a justiça social.

Nóvoa (2017) discute criticamente os efeitos das políticas de avaliação e responsabilização sobre o trabalho docente e o sentido da escola, onde argumenta que a centralidade das métricas redefine o papel do professor, que passa a ser visto como executor de metas e resultados previamente definidos.



Nóvoa (2017) sustenta que a cultura dos rankings promove uma visão reducionista da qualidade educacional, baseada em indicadores quantitativos que não capturam a complexidade do processo educativo, enfatizando que essa lógica enfraquece a profissão docente, ao limitar a autonomia pedagógica e desvalorizar saberes construídos na prática.

Ao longo de suas reflexões, o autor destaca que a aprendizagem não pode ser plenamente compreendida por meio de testes padronizados, pois envolve dimensões subjetivas, relacionais e culturais, alertando que a obsessão por resultados mensuráveis gera conformismo pedagógico e empobrecimento curricular.

Nóvoa (2017) defende a necessidade de recuperar a centralidade da formação humana e da confiança nos profissionais da educação, e assim, sua contribuição é fundamental para problematizar a escola do desempenho a partir do olhar docente, evidenciando tensões entre avaliação, profissionalização e sentido educativo.

Dussel (2018) analisa criticamente as políticas educacionais contemporâneas, destacando como a cultura da avaliação e da performatividade redefine práticas escolares e curriculares.

A autora argumenta que rankings e indicadores produzem narrativas de sucesso e fracasso que simplificam realidades educacionais complexas. Dussel (2018) sustenta que a escola do desempenho opera por meio de discursos que naturalizam desigualdades e legitimam intervenções tecnocráticas.

A pesquisadora destaca que a centralidade das métricas desloca o foco da pedagogia para a gestão, enfraquecendo debates sobre currículo, cultura e inclusão, e dessa forma, ao longo de sua análise, evidencia que a avaliação padronizada tende a homogeneizar experiências educativas, silenciando diferenças culturais e territoriais.

A cronista ressalta que esse processo impacta especialmente escolas públicas e populações vulneráveis, fato esse que contribui para ampliar o debate sobre a escola do desempenho ao articular avaliação, poder e cultura, reforçando a necessidade de políticas educacionais mais sensíveis à diversidade e à justiça social.

Quadro Comparativo – Autores e Contribuições sobre a Escola do Desempenho

Autor (ano)	Objeto central de análise	Crítica principal	Contribuição para o debate educacional
Stephen Ball (2012)	Performatividade e políticas educacionais	Ball (2012) analisa como a performatividade transforma escolas e sujeitos em unidades de desempenho mensurável, produzindo competição, vigilância e pressão por resultados.	O autor (2012) contribui ao revelar que métricas e rankings não são neutros, mas tecnologias de poder que reconfiguram o trabalho docente e o sentido da aprendizagem.
Diane Ravitch (2016)	Avaliações padronizadas e accountability	Ravitch (2016) critica o uso excessivo de testes e rankings, apontando que eles empobrecem o currículo e ampliam desigualdades educacionais.	A pesquisadora (2016) evidencia os efeitos excludentes das políticas de responsabilização, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.
Michael Apple (2019)	Neoliberalismo e ideologia educacional	Apple (2019) argumenta que a cultura da mensuração sustenta projetos conservadores e mercantilistas na educação.	O autor (2019) amplia o debate ao conectar métricas educacionais com disputas ideológicas e relações de poder.
Christian Laval (2019)	Escola como empresa	Laval (2019) sustenta que rankings e indicadores inserem a escola na lógica empresarial, reduzindo a educação a desempenho produtivo.	O escritor (2019) contribui ao demonstrar como a racionalidade econômica redefine finalidades educativas.
Pierre Dardot (2016)	Governamentalidade neoliberal	Dardot (2016) analisa a mensuração como tecnologia de governo que produz sujeitos competitivos e autoavaliáveis.	O autor (2016) permite compreender a avaliação como prática política e não apenas pedagógica.
Wendy Brown (2015)	Neoliberalismo e desdemocratização	Brown (2015) afirma que a centralidade das métricas enfraquece a educação como bem público e prática democrática.	A autora (2015) contribui ao articular desempenho educacional e crise da democracia.
António Nóvoa (2017)	Profissão docente e avaliação	Nóvoa (2017) critica a redução do trabalho docente a resultados mensuráveis e metas	O pesquisador (2017) defende a valorização da autonomia pedagógica e da formação humana.

Autor (ano)	Objeto central de análise	Crítica principal	Contribuição para o debate educacional
		externas.	
Inés Dussel (2018)	Cultura avaliativa e currículo	Dussel (2018) analisa como rankings produzem narrativas simplificadoras de sucesso e fracasso escolar.	A autora (2018) contribui ao evidenciar os impactos culturais e simbólicos das políticas de avaliação.

Fonte: autores, 2026

4. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a chamada escola do desempenho não constitui apenas um conjunto de práticas avaliativas isoladas, mas representa uma transformação estrutural no modo como a educação é pensada, organizada e legitimada socialmente.

Ao longo do debate teórico, evidenciou-se que rankings, métricas e indicadores operam como dispositivos de poder que redefinem o sentido da aprendizagem, deslocando o foco da formação humana para a obtenção de resultados mensuráveis, conforme discutido por Ball(2012), Apple(2019) e Laval(2019).

Nesse contexto, a avaliação deixa de ser compreendida como processo pedagógico formativo e passa a funcionar como mecanismo de controle, comparação e hierarquização entre escolas, estudantes e professores.

Ravitch(2016) demonstra que essa lógica tende a empobrecer o currículo, privilegiando conteúdos facilmente testáveis em detrimento de saberes críticos, artísticos e culturais.

Dardot(2016) e Brown(2015) aprofundam essa crítica ao evidenciar que a cultura da mensuração se insere em uma racionalidade neoliberal mais ampla, que transforma a educação em instrumento de produção de sujeitos competitivos, responsivos a metas e permanentemente avaliáveis.

Nóvoa(2017) alerta que esse processo compromete a autonomia docente e fragiliza a profissão, ao reduzir o trabalho pedagógico a indicadores externos de desempenho. Dussel(2018) acrescenta que tais políticas produzem narrativas simplificadoras de sucesso e fracasso escolar, frequentemente desconsiderando



desigualdades históricas e contextuais.

Assim, conclui-se que a escola do desempenho tende a reforçar exclusões invisíveis, ao mesmo tempo em que legitima discursos de qualidade baseados em números, obscurecendo a complexidade dos processos educativos.

Defender outra concepção de avaliação implica, portanto, recolocar a aprendizagem no centro do projeto pedagógico, reconhecendo sua dimensão ética, política e social, e reafirmando a educação como direito público e prática democrática.

5. Estudos futuros e desafios

Os resultados desta análise indicam a necessidade de ampliar investigações que problematizem empiricamente os efeitos da cultura do desempenho no cotidiano das escolas públicas e privadas.

Estudos futuros podem explorar como professores e estudantes vivenciam a pressão por resultados, bem como os impactos subjetivos da avaliação permanente, conforme sugerem Ball(2012) e Brown(2015).

Outro desafio relevante consiste em investigar alternativas avaliativas que escapem à lógica exclusivamente quantitativa, dialogando com propostas formativas defendidas por Nóvoa(2017) e Dussel(2018).

Pesquisas comparativas entre sistemas educacionais também podem contribuir para compreender como rankings internacionais influenciam políticas nacionais, como alerta Ravitch(2016). Além disso, torna-se fundamental analisar o papel das tecnologias digitais na intensificação da mensuração educacional, articulando avaliação, dados e controle, conforme apontam Dardot(2016) e Laval(2019).

Os desafios futuros incluem ainda a construção de políticas educacionais que conciliem avaliação e justiça social, evitando que métricas aprofundem desigualdades estruturais.

Nesse sentido, pesquisas interdisciplinares podem fortalecer o debate crítico sobre avaliação, currículo e democracia, contribuindo para a formulação de práticas pedagógicas mais inclusivas, reflexivas e socialmente comprometidas.



Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

BALL, Stephen J. **Educação global S.A.: novas redes de políticas e o imaginário neoliberal**. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUSSEL, Inés. **A avaliação educativa em debate**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2017.

RAVITCH, Diane. **The death and life of the great American school system**. New York: Basic Books, 2016.